Índice

Petiscos 9
Crónica de um engate encomendado 16
A verdade sobre o Pai Natal 57
Pandemia 61
Nunca irias descobrir 77
Epístola de António Albano Conde aos seus doze filhos
mais a filha Rosa 92
As pétalas do mal me quer 96
Salvar aquilo 151
Os meus ETs 157
Não queria que me visses assim 172
Medo de ladrões 195
Cinzas 207
Papel vegetal 243

Petiscos

Foi o Canário quem me convidou. É inspetor da Judiciária e deve pensar que me deve algum favor. Ora, um favor feito com gosto já não é favor, pois não? Mas não deixo de ficar sensibilizado por ele pensar assim e fico-lhe muito reconhecido por se sentir obrigado a oferecer-me qualquer coisa em paga.

Acontece que o Canário gosta de festas e procura que sejam equilibradas quanto à polaridade: masculino-feminino. Por isso, voltou a convidar-me. Era o aniversário dele. Estávamos sentados em sofás e cadeiras desirmanadas, num apartamento de cuja desarrumação não parecia envergonhar-se, e eu era certamente o mais pequeno, mais enfezado, mais encolhido dos machos presentes. Já se tinha comido e, sobretudo, já se tinha bebido bem, de uma variada coleção de bebidas, e não sei se alguém estava completamente sóbrio, embora também não creia que houvesse alguém embaraçosamente bêbedo.

A conversa girava à volta de comidas exóticas. Dizia uma das mulheres, com ar um pouco enojado:

— Eu cá, só de pensar em insetos… Mas aqui o Carlos gosta de experimentar.

— O que é preciso — disse o Carlos — é uma pessoa abstrair-se do que está a comer. Senão, nem se come o borreguinho, coitadinho;

nem o peixinho, que sufocou ao ser pescado; nem o porquinho, que guinchou pressentindo a matança; nem o franguinho, criado em condições nojentas; muito menos o coelhinho, fofinho, a engelhar o narizinho, um amor…

Gozava, mas tinha razão. Outro veio ufanar-se:

— Uma vez, na China, comi escorpião frito. Havia uns que eram grandes, pretos, e a esses não me atrevi. Mas experimentei os pequeninos e não tinham nenhum sabor especial. Sabiam a frito.

— Pois — disse uma das beldades que traziam colorido à conversa —, a fritura nivela muito o sabor das coisas.

Ouvi um gabar-se, ouvi outro, até que finalmente não resisti. Era a minha oportunidade de dizer qualquer coisa significativa, de não ficar como sempre caladinho no meu canto, a rir-me das piadas dos outros:

— Eu…

Ninguém me ouviu. Já outro falava de carne de cobra, e de como era boa, embora não tão boa como a de jacaré, essa sim, macia, essa sim, uma especialidade…

Falou e falou e eu esperei e esperei, e no fim voltei a tentar, um pouco mais alto:

— Eu…

A minha voz era de novo atropelada por diálogos cruzados. Ouve-se o Canário:

— Ei, parem um bocado, o Brito quer falar! Deixem o Brito falar, coitado!

Calaram-se e era a minha oportunidade, coitado de mim. Falei:

— Depois de tantos petiscos irresistíveis, não sei se o meu vos interessa…

Não pareceram particularmente curiosos, mas o Canário intimou:

— Claro que interessa, Brito, força!

— Já algum de vocês provou carne humana?

Pumba! Daquela é que eles não estavam à espera. Entreolharam-se.

— Naa…ão… — cantarolou uma das moças, em tom de quem subentende: e daí…?

E daí?, ecoei para dentro. Eu sabia que tinha criado forte impressão, mas estava apenas a começar:

— Pois eu já provei muitas vezes e não desgosto. O fígado e o rim são parecidos com os de porco — eh eh, a cara deles… —, já a carne do lombo, por exemplo, de aspeto, até parece de vaca. É vermelha, mas quanto a mim também sabe mais a porco do que a vaca. Só que é fevra rija, estão a ver?

— Iarr… — disse uma das mulheres, mas não me desencorajou.

— Sim, é rija. É um pouco dura, pelo menos a que comi — prossegui. — A verdade é que nunca tive coragem para experimentar criança…

— *Disgusting* — disse outro, que estava sempre a arrotar postas de inglês.

— Disparate — disse ainda outro.

Estavam dezoito olhos meio incrédulos cravados em mim. Estavam todos a processar a informação e a ligá-la ao que sabiam a meu respeito, e não deixava se ser relevante. O Canário tinha-me apresentado à entrada:

— Este é o meu bom amigo Brito. É médico-legista e tem-me sido muito útil. Fala pouco, mas pensa muito e, quando fala, vale a pena ouvir.

Instalara-se silêncio e tinha de ser quebrado. E não ia ser eu, pois não?

— Ah, amigo Brito… — disse finalmente um colega do Canário, inspetor como ele.

— Francisco, por favor…

— OK, Francisco, foi uma boa, mas não é original. Eu também vi o *Silêncio dos Inocentes*… — sorria.

Toda a gente sorria, queria rir, exceto o Canário, que olhava para mim com ar inquieto, interrogativo, como quem diz: eu pensava que te conhecia…

Eu gozava o momento de glória. E não ia agora largar o filão, ou ia? Porque é que nunca me tinha lembrado daquilo?

— Mas… qual é o problema? — perguntei. — Reparem: não matei ninguém. Não fiz mal a ninguém, longe de mim, que nunca fiz mal a uma mosca, palavra de escuteiro! Concedo uma coisa: o nosso Código Penal, no artigo 254.º, entende como crime a profanação de cadáver, mas, se pensarmos bem, é algo que, em rigor, e por motivos profissionais, eu faço todos os dias… É ou não é, Canário? É ou não é?

Mantinha-me sisudo.

— Está a brincar, só pode… — disse uma moça, e era precisamente a que me tinha sido apresentada com muita ênfase. Chamava-se Sílvia e era o meu par, ou vice-versa. Era pequenina, redondinha, convexidades e concavidades nos sítios certos, e de repente imaginei-a temperada com vinha-d'alhos.

— Não, não estou a brincar — repliquei, e naqueles olhos detetei um brilho especial, como quem considera besuntar-se com vinha-d'alhos.

Nalguns dos outros convivas, porém, pareceu-me encontrar desaprovação. Seria a dúvida a entranhar-se? Outra pessoa, que não eu, não teria sido levada a sério, mas um médico-legista que fala pouco, pensa muito e vale a pena ouvir traz outra espécie de credibilidade, não é? Achei por bem amenizar as coisas, pô-las um pouco mais em perspetiva. Concedi:

— Mas não faço disso um hábito, nem pensar! A morgue não substitui o supermercado.

Pior a emenda que o soneto! Agora o embaraço era geral. Era preciso desviar a conversa! Se alguém tivesse começado a rir-se às gargalhadas, teria contagiado o grupo, mas não aconteceu. Na qualidade de anfitrião, o Canário achou que devia intervir. Piscou-me o olho e disse:

— Aqui o Brito, com este ar de sonso, é um grande pantomineiro — disse, e desviou o assunto com uma anedota picante. Tinha noção de que era preciso um assunto forte, e o único assunto suficientemente forte que lhe ocorreu foi sexo.

Houve mais piadas picantes e mais bebida, mas eu já não bebia. Voltava ao meu ser normal, entre embaraçado e envergonhado.

De vez em quando, sentia os olhos de Sílvia, que me procuravam, e é muito provável que tivesse corado.

Entretanto a noite escorregava. Já havia quem se beijasse. Por fim, o primeiro casal levantou-se para se despedir. Eu também estava desejoso de sair e aproveitei a deixa. Olhei interrogativamente para o meu par e foi ela quem se levantou.

Eu tinha ficado de levá-la a casa. Saímos e fomos procurar o carro que eu deixara a dois quarteirões de distância, já não sabia bem onde.

— Como é o seu carro?

— *Peugeot 306*, azul-escuro, tão escuro que parece preto.

Teria preferido que fosse um carro melhor, mais novo, mais potente, desportivo, descapotável, mas nunca liguei a carros. Foi a Sílvia quem deu com ele.

— Quer que eu guie? — sugeriu.

— Não. Estou bem.

Não creio que estivesse pior do que ela. Seguíamos em silêncio. Então ela perguntou:

— Há alguma ponta de verdade naquilo que nos contou?

— E porque havia eu de mentir?

— Não digo mentir, mas exagerar, exagerar um bocadinho…

Fiz-me bronco:

— E para que havia eu de exagerar um bocadinho?

— Ora, para chamar a atenção — disse ela, mas emendou logo —, mas não se preocupe. Se era essa a intenção, pode dizer-se que foi um tremendo sucesso — e havia nos seus olhos aquele um brilhozinho especial. — Mas cuidado! Olhe para a estrada!

Ah, pois a estrada… Corrigi a tempo e pus-me a calcular o nível de álcool que acusaria se me parassem e fizessem soprar para o balão. Quantos copos teria eu bebido? Chegámos a Telheiras e ela fez a pergunta que só acontece nos filmes:

— Não quer subir?

Ah, porque é que eu sou tão burro? Porque é que eu não disse simplesmente que sim, e não segui atrás dela, e não a beijei

apaixonadamente no elevador e por adiante…? Porque havia eu de armar-me em especial?

— Depende do tamanho da sua frigideira… — foi a minha resposta.

— O quê? Ah… — riu-se.

Era o que eu queria, pois estava um tanto apreensivo.

— A minha frigideira? — repetiu ela — Ai, tenho uma que é grande, muito grande.

Seria altura de me deixar de parvoíces, mas qual quê:

— OK, mas será suficientemente grande?

— Digamos que não penso cozinhar nada que precise de uma maior… — respondeu e calou-se. E de repente havia desconforto naquele silêncio, na penumbra que nos separava.

Apercebi-me disso e devia ter arriscado, ter-me inclinado para beijá-la, devagarinho, com muito jeitinho… Em vez disso abri a porta do carro e disse:

— Não tem maior? Não faz mal, faremos os impossíveis… subimos?

Foi o que eu disse, e escutei as minhas palavras, desajeitadas, inadequadas, a caírem barulhentas no silêncio, como pedras numa lata. Sílvia permanecia sentada, de porta fechada, a olhar-me com ar estranho. Finalmente disse:

— Pensando bem, não me parece muito apropriado que suba comigo.

Abriu a porta e saiu apressadamente. Eu saí também. Era a despedida e fiz menção de lhe dar um beijo. Ela ofereceu a face.

— Foi uma noite bem passada, não acha? — gaguejei.

— Foi — respondeu ela e eu quedei-me sem jeito, a vê-la entrar em casa.

Foi assim que perdi a melhor oportunidade da minha vida. Fiquei uns segundos a olhar para a porta do prédio, depois entrei no carro, dei um murro no volante e fiquei à espera que se acendesse luz nalguma janela que estivesse às escuras.

Mas não acendeu. Estaria ela estaria também a observar-me, lamentado a oportunidade perdida? Duvido. Pus o carro a funcionar e arranquei.

Chegando a casa, não tinha sono, tinha fome. Fui ao congelador, tirei para fora vários taparueres, todos com doses pequenas, individuais, todos providos de cuidadosas etiquetas elucidando conteúdo e data. Escolhi um. O aroma do cozinhado apagou as chamas do purgatório e apaziguou o meu coração.

Crónica de um engate encomendado

1

Tudo começou quando decidi navegar por *sites* de encontros. Tinha-me divorciado e estava farto de solidão. Cumprira o meu quinquagésimo aniversário sem champanhe, sem velas para soprar, sem ninguém que me cantasse os parabéns. Pela primeira vez, apercebi-me de que começava a encurtar-se o tempo que me restava.

E assustei-me.

Sou pouco sociável e a Internet surgiu como a maneira mais fácil de arranjar companhia. Sim, era o que eu desejava, companhia, não apenas sexo. Por isso optei por *sites* respeitáveis, em particular o *Romances*.

E que encontro eu? De tudo! Perfis lacónicos e lençóis de prosa. Mulheres inseguras fazendo-se fortes. Mulheres que se dizem atraentes. Mulheres invariavelmente simpáticas, afetuosas, em busca de amizades sinceras que talvez conduzam a algo mais… E todas, acima de tudo, todas inimigas da falsidade.

Resolvi não mentir. Resolvi não parecer quem não era, não acrescentar um único centímetro aos meus cento e oitenta e cinco, não colocar mais de oito na minha atratividade, quando sei que sou um dez, não apresentar senão uma fotografia, nem sequer a melhor…

Descrevi-me como cozinheiro profissional e não adaptei os meus gostos ao gosto feminino. Disse que me interessava por gastronomia e futebol, que esporadicamente jogava ténis e que adorava procurar novos sabores, logo viajar…

Procurava mulheres entre os 40 e os 50 anos. Pareceu-me adequado. Se fosse rico, poderia talvez baixar a fasquia para os 30, mas que respeito teria uma jovem de 30 por um homem de 50?

Preferi jogar pelo seguro. Fui deixando corações e presentes virtuais em perfis que me agradaram, fosse pelas fotografias, fosse pelos interesses comuns, em particular, sabores, culinária, um bom vinho…

Em troca recebi muito mais do que enviei e percebi que era popular. O problema, com efeito, era a escolha!

Combinei um primeiro *tête-à-tête* com uma mulher de atratividade 9 e fotografia sofrível. Foi numa esplanada para um rápido café. Era bonitinha, mas deixara-se engordar demasiado. Deu-me o número de telefone, mas não a convidei para jantar. Só três mulheres mais tarde, avançaria para jantar, e foi um jantar oco, caro, muito caro para a qualidade da comida e, sobretudo, para a qualidade dos diálogos. Nada tínhamos em comum.

Percebi que tinha de ser paciente. A oferta e a sua variedade eram tais que, mais tarde ou mais cedo, os resultados haviam de aparecer, mas tinha noção de que a mulher certa pode não ser fácil de encontrar. Foi então que topei com aquele perfil extraordinário.

A fotografia era de uma mulher atraente, mesmo bastante bonita, mas eu já estava inteirado de que a foto nem sempre era de fiar. Comecei a ler. Aí estava Celina, de 41 anos, emprego indefinido, da Damaia. Se não fosse a foto, teria abandonado o perfil e procurado outro. Mas o sorriso da foto atraía e avancei para mais detalhes:

Divorciada. Um filho. Não quer ter mais filhos. Ensino universitário. Não fuma. Bebe socialmente. Não liguei à atratividade que se atribuía. Se as fotografias eram genuínas, merecia bem o nove em dez…

Só depois parti, por esta ordem, para a introdução e para os interesses. E muito espantado me deparei com o seguinte:

O meu nome não é Celina.

Tudo o mais corresponde ao perfil da minha mulher (que podem facilmente encontrar neste site*, a partir da idade, do signo, e etc., com o nome Vitória…).*

E, sim, as fotografias são verdadeiras, bem como tudo o resto. É de facto uma mulher atraente e estou disposto a pagar generosamente a quem a seduzir.

Detalhes a combinar.

A primeira reação foi: isto é uma brincadeira, não me interessa. Abandonei o perfil e prossegui na esperança de encontrar algo mais interessante. Porém, ou porque não tivesse sorte, ou porque aquele perfil me regressava à mente e me desconcentrava, conferi três ou quatro perfis e voltei ao da Celina que afinal não seria Celina…

O meu nome não é Celina.

Tudo o mais corresponde…

O sorriso da foto sorria-me. O dinheiro da recompensa ainda não me sorria, porque não acreditava que aquele paleio fosse a sério… Porém, quanto mais não fosse por curiosidade, respondi, por mensagem no *site*:

Poderei estar interessado. Tudo depende dos detalhes.

A resposta não tardou.

Será talvez preferível usarmos e-mail*. É mais versátil.*

E foi assim que ele me enviou mais fotos de uma mulher sempre bonita, alta e elegante, olhos grandes e cabelo curto, e um sorriso natural e caloroso, o que numa fotografia não é costume. Dir-se-ia «uma boazona». E o meu interlocutor prometia fornecer os gostos dela e outros detalhes que poderiam ajudar a engatá-la. Até as zonas erógenas ele me prometia.

2

Poderíamos ter trocado fotos para nos reconhecermos, mas ele preferiu dizer que estaria de fato completo numa mesa ao canto, e que seria imediatamente identificável, até porque colocaria no bolso do casaco um lenço, coisa que já não se usa.

E, com efeito, uma vez habituado à relativa penumbra do interior do café, foi muito fácil identificá-lo, sozinho, sentado com um copo de chá a fumegar à sua frente. Seguia-me com o olhar e nenhum de nós tinha já dúvidas a respeito da identidade do outro.

Eu ia de pé atrás, bastante desconfiado. Onde é que me estou a meter?, pensava. Mas não recuei. Ele levantou-se e era quase tão alto como eu, bem-parecido, olhos azuis e frios. O fato era de tecido escuro com riscas, o mais clássico possível, e o lenço espreitava do bolso do casaco.

— Pedro Rocha? — perguntei superfluamente, estendendo a mão.

— Francisco Veríssimo? — respondeu ele, como se estivéssemos a trocar santo-e-senha.

E, caramba, para o que eu não estava preparado era para aquele aperto de mão que quase me esmigalhou os ossos. Ele sorria um sorriso de granito.

— Vou pedir qualquer coisa para lhe fazer companhia… — disse eu, virando costas, mexendo os dedos da mão, para me certificar de que não estavam partidos.

Quando voltei, ele bebericava o seu chá, ao mesmo tempo que dirigia um ar de censura à imperial que eu trazia na mão. Sentei-me. Ficámos um instante a avaliarmo-nos mutuamente.

— OK — disse eu, por fim —, antes de prosseguirmos para acertar seja o que for, tenho uma pergunta a fazer-lhe.

— Faça o favor…

— Qual é o seu objetivo nisto tudo?

Ele dissecava-me com o gume daqueles olhos. Mas a voz, que eu teria adivinhado grossa e profunda, chegou surpreendentemente esticada, mesmo um tanto aflautada, destoante:

— Não é da sua conta. Será pegar ou largar. Mas, antes, fale-me de si. Disse-me que é divorciado…

E começou a interrogar-me. Obviamente, não me ia dar dinheiro e informações delicadas, sem primeiro saber quem eu era, e se estaria à altura do desafio. Inteirou-se da minha idade, de que eu era responsável pela cozinha de um bom restaurante, e que aspirava a ter o meu próprio estaminé, motivo para o meu interesse no prémio… Descobriu que eu estava já divorciado há três anos e que tal se devera a infidelidade da minha parte. Soube que o divórcio fora tecnicamente amigável e que não havia prole.

— E nos três anos desde então?

Queria saber da minha vida sexual desde o divórcio. Que não foi nada famosa, para falar verdade…

— E porque não?

— Não sou muito sociável, acho eu. Só há pouco tempo descobri estes *sites* de encontros, mas, sabe, a maioria das mulheres não está para brincadeiras e eu não sei se me disponho a fazer o investimento necessário a uma relação duradoura. A verdade é que não gosto de enganar ninguém!

Vi afiar-se o gume dos seus olhos de aço:

— Mas é precisamente o que eu estou a propor-lhe… Começo a duvidar que esteja a falar com a pessoa certa.

Corrigi:

— Este é um caso diferente. Não estarei a enganar senão uma pessoa casada que, segundo me diz, anda à caça.

— Sim, é mais ou menos isso.

— Pode contar com todo o meu charme. Estou curioso. Diria mesmo: o desafio excita-me! O que é que me paga?

— Então é assim: são quinhentos euros à cabeça. Se tiver despesas que excedam esse montante, deverá apresentar recibos e eu pago. Por fim, receberá dez mil euros em função de resultados verificáveis.

— Que são…

— Provas de que ela me é infiel.

— Vai pôr um detetive atrás de nós?

— Espero não precisar. Usará você mesmo câmaras escondidas, gravadores escondidos, mesmo alguma fotografia que ela não se importe de tirar… Ela é meio exibicionista. Você pode ser muito mais eficaz do que qualquer detetive.

— Quer dizer, eu tenho de ser, ao mesmo tempo, o galã e o detetive. Começo a perguntar-me se não estou a ficar barato…

— É pegar ou largar!

Levei pela primeira vez a cerveja aos lábios. Aquilo era uma aventura e peras! Nunca me tinha metido em nada parecido, mas para tudo haverá uma primeira vez na vida…

— OK. Aceito.

— Muito bem. — Estendeu a mão e eu aceitei-a, desta vez preparado para aquele aperto vigoroso. Acho que ele sentiu a diferença e deve ter gostado.

— Agora os pormenores… — sugeri.

Adiantou-me um envelope, formato A5, que não abri:

— Está aí tudo o que é necessário para começar, os quinhentos euros e as indicações de que precisa: a *boutique* de roupa de criança de que ela á sócia e onde vai quase todos os dias dar à língua, o café onde passa o tempo a ler, a piscina, o ginásio que ela frequenta, e a que horas. — Pausou, pensativo, para indagar: — Você é cozinheiro num restaurante, qual a sua flexibilidade de tempo?

Era uma vantagem minha, e aproveitei:

— Cozinheiro não, sou chefe de cozinha. O que me traz vantagens e desvantagens. Tenho de me levantar muito cedo para ir às compras, à praça, procurar o melhor peixe, a melhor carne, está a ver… Mas tenho um adjunto para algum dia que não possa. Ele é competente. E deito-me tarde, porque quero assegurar-me de que fica tudo em ordem na cozinha. Compenso o sono a meio da manhã, antes da onze, e a meio da tarde. Parece-me que posso arranjar maneira de estar na piscina, no ginásio,

às horas que for preciso. Até na *boutique*, a encomendar roupas de criança, eh eh…

Percebi que não era homem de humor nem de sorriso fácil. Tinha os lábios cristalizados na horizontal, finos e firmes, guardando os dentes. Nos olhos de safira, rijos como diamante, porém pareceu-me detetar um brilho de aprovação. Adiantou mais informações:

— Vitória é maníaca da vida natural, do exercício físico e da alimentação saudável. Apresente-se como vegetariano, de preferência *vegan*. Diga que vomita carne de vaca e que o glúten lhe dá voltas ao intestino.

— Ui! — exclamei. — Isso já não vai ser fácil! Sobretudo se tiver de lhe dizer onde sou cozinheiro e ela cuscar a ementa!

— Tem pratos vegetarianos no seu menu?

— Minoritariamente, sim. Hoje em dia, acho que não há restaurante que não tenha.

— Já é qualquer coisa… — resignou-se ele, mas depois ponderou: — Até pode ser que a sua profissão lhe interesse. Culinária é um dos *hobbies* dela. E tenho de reconhecer que cozinha bem, lá as suas vegetarianices.

Aquilo deu-me uma ideia:

— Escute, eu tenho maneira de dar a volta à situação. Afinal, no restaurante sou apenas empregado. Direi que os pratos vegetarianos até foram ideia minha. Por outro lado, não guardarei segredo: a minha ambição é conseguir um restaurante meu. Direi que será vegetariano!

— Você terá de ser convincente. Ela é esperta e desconfiada! — Não havia nele piscar de olhos, nada que se parecesse com cumplicidade. Acrescentou: — Não vai ser fácil, mas, na vida, dez mil euros não costumam ser fáceis.

— É verdade — concordei. E brinquei: — E, para mais, ela é uma brasa! Chamemos-lhes dez mil euros na brasa!

— Muito engraçado… — reconheceu, sem contudo dar mostras de ter usufruído da piada. — Mas têm de ser merecidos!

3

Antes de me embrenhar mais na aventura, pesquizei o nome que me dera e até podia ser falso. Tudo me parecia ainda uma brincadeira, apesar de os 500 € oferecerem algumas garantias…

Google, Pedro Rocha, tecla!

E claro, Pedros Rochas há muitos… Tive de passar por um futebolista, por um pintor e por um professor universitário de medicina até me deparar com o meu Pedro Rocha; meu, salvo seja… e arrepiei-me!

Ali estava ele na fotografia, sem tirar nem pôr, como a dar-me as boas-vindas, dizendo: sim, este sou eu, tinhas dúvidas?! Fiquei a saber que se tratava de um arquiteto paisagista de certo prestígio, com intervenções junto a monumentos importantes, jardins, lagos, passadiços e rotundas majestosas.

Não vi, pois, motivo para desistir. Dinheiro para me pagar, certamente não lhe faltaria. Revi as preciosas indicações que me dera verbalmente e as que pormenorizadamente me entregara no envelope. E decidi.

Podia ter começado pelo *site* de encontros, pelo perfil da tal Vitória, metendo conversa a respeito de livros, mas não me sentiria à vontade nesse tipo de diálogo. Preferi avançar diretamente para encontros em carne e osso, que me pareceram ser a via mais rápida para o objetivo.

Cinco da tarde, hora do chá, e lá estava ela no café indicado, inconfundível, belíssima, dentro de um vestido azul com florzinhas amarelas, perna traçada, lendo, não uma revista de moda ou de mexericos, mas um livro grosso, cujo título não consegui decifrar. Fui buscar um café e sentei-me também debaixo do toldo na mesa em frente, bebericando, evitando com dificuldade olhar para ela. Também eu tinha um livro para ler, um que tinha começado a ler duas noites antes e me tinha sido

recomendado pelo Rocha, por estar entre os favoritos de Vitória: *Cem Anos de Solidão*.

Essa foi a primeira vez. Outra haveria em breve, muito parecida; e não, ela não podia ter deixado de reparar em mim. Tinha passado quase uma semana, mas eu continuava a teimar nos meus *Cem Anos de Solidão*. Hesitara se não devia trazer antes o *Jornal de Letras*, que em nada me interessava, e preferi uma espécie de honestidade. Os *Cem Anos* ao menos tinham-me entretido, embora começasse a ficar cansado. Estava por volta da página trezentos, mas naquela pausa para café não consegui avançar uma única frase inteligível, enfeitiçado pela presença dela, esmifrando-me para resistir e não olhar para ela mais do que o decoro permite, sentindo o peso furtivo dos olhos dela, que imaginava a passearem-se por mim, a farejarem-me.

A aparição seguinte deu-se na piscina e o corpo dela, embora protegido por um conservador fato de banho de uma peça, não frustrava promessas anteriores. Observei-a nadando uns bruços corretos, eficazes, submergindo a cabeça a cada braçada. Quanto a mim, limitei-me a algum espalhafato de *crawl* mal aprendido. Tinha observado competições de natação e até tentei manter a cabeça debaixo de água entre braçadas. Cansei-me depressa e encostei-me à borda da piscina, exibindo os músculos, preparado.

Seria altura de manobrar. Tinha imaginado a cena. Saindo ela da água, estaria eu do outro lado, na parte funda da piscina, junto a umas escadas. Sairia também e seguiria a caminho do balneário dos homens, o que levaria a que nos cruzássemos num espaço restrito. Dentro da touca que lhe protegia o cabelo, eu não a reconheceria, era esse o plano. Deixaria que fosse ela a reconhecer-me:

Coincidência… diria ela, e parámos.

Assim o tinha imaginado, encenado, ensaiado na minha cabeça. Mas chegou o momento e não fui capaz. Mais: fiquei com a certeza de que nunca seria capaz!

Nessa mesma noite — era o meu dia de folga —, telefonei ao Rocha:

— Sr. Rocha?

— O próprio.

— É Francisco Veríssimo.

— Ah, como vai, *chef*? E como vai a nossa empreitada?

Eu tinha estado meia hora a ensaiar o que dizer. Era a quarta ou quinta vez que pegava no telemóvel. Depois, voltava a metê-lo no bolso. Jantei na cozinha, diante da televisão, tentando pensar noutra coisa. Não consegui. Deitei para o lixo metade do que tinha no prato e não toquei nos figos que tinha comprado. Voltei a pegar no telemóvel e, desta vez, ao menos consegui ligar e enfrentar o homem. Agora tinha de lhe dizer o que tinha de lhe dizer, não é verdade? Respirei fundo:

— Senhor Rocha, trago-lhe más notícias.

— Ah…

— Tenho muita pena de lhe feito perder tempo, ainda tentei. Estive ao pé dela na esplanada por várias vezes, com o livro que me recomendou e até li, fui à piscina, mas a verdade é que não sou capaz. Não sou ator. Não sou culto. Não vou ter conversa.

O Rocha ainda tentou demover-me, animar-me:

— Você consegue, homem, isso são só tremeliques… você consegue! Leve a conversa para a comida, a culinária, ela pega nisso…

— Não, senhor Rocha, tenho muita pena, mas não consigo. E tenho dinheiro para lhe devolver.

Havia desapontamento na voz com que ele quis combinar um encontro. Eu disse-lhe que não valia a pena encontrarmo-nos, que lhe mandaria um cheque pelo correio, de 500 €. Ainda pensei que ele dissesse para eu descontar algum, para pagar ao menos o *Cem Anos de Solidão*, o livro e o esforço de o ler, mas ele não ofereceu e eu tenho o meu orgulho.

— Você vai encontrar alguém que lhe faça isto — disse ainda, para o consolar —, só que não sou eu!

Vitória, entretanto, não me saía da cabeça. Passei a cortar as minhas sestas para estar no café à mesma hora que ela, e levava *Cem Anos de Solidão*, a fingir que lia. Se já não era o dinheiro,

era o gozo de vê-la, o puro gozo. E não, não me pareceu uma caçadora. Uma dondoca, sim, claramente, muito compenetrada nas suas leituras.

Também voltei à piscina, mas desta feita não fiz estardalhaço. Limitei-me a ficar a um canto, observando e nadando um pouco, para não parecer um mirone. E desta vez ela estava em biquíni, e não havia sinal de gordura na barriga. Então, virei-me para sair. Começava a sentir-me desconfortável, ali, naquela situação, que já não era de galã engatatão, mas de adolescente enfeitiçado…

Que fazia eu ali? Se não fora capaz de vestir a pele do galã, tampouco me sentia confortável na do adolescente. Sentia-me ridículo. Isto tem de acabar, repetia-me, enquanto me vestia. Uma coisa é certa: não volto a esta piscina!

Porém, saindo do balneário, a caminho da porta da rua, tive de me desviar:

— Perdão…

E era ela. E, sem touca, não havia maneira de fingir que não a reconhecia.

— Olá — disse eu, e foi o melhor que consegui.

Também ela me reconheceu:

— É uma coincidência, não é? — disse, com um sorriso tranquilo. — Estamos sempre a encontrar-nos…

Coincidência?, perguntava-me eu. De minha parte, não fora, e da parte dela? Teria ela esperado por mim à porta do balneário? Desconfiaria de alguma coisa? Conseguiria escutar o bater do meu coração?

— Estamos, é verdade. O meio da tarde é um dos poucos tempos que tenho livre. — Foi a desculpa que encontrei, e estendi a mão. — Sou Francisco, Francisco Veríssimo.

— Vitória. Vitória Fonseca — disse ela, aceitando o aperto de mão.

Confesso que na altura nem reparei que ela não dava o nome do marido. Ou nunca o adotara, ou então dava o nome de solteira… E, apesar de mim, na pele do galã que não era, ou na pele do adolescente que não queria ser, ouvi a minha voz dizer:

— Ouça, depois de nadar gosto de tomar um café…

— E eu gosto de lanchar numa pastelaria ao virar da esquina.

Já sentados, eu defronte da minha bica, ela bebericando um chá fumegante à espera das torradas:

— Reparei — disse ela — que anda a ler um dos meus livros preferidos… E não exagero: é um dos meus romances preferidos de todos os tempos!

Um tanto embaraçado e receoso, passei a explicar:

— Passei muitos anos sem ler, a não ser livros de culinária. Sou chefe de cozinha num bom restaurante e foi o preço do sucesso e da carreira. Agora estou a tentar recuperar. Ainda pensei num clube de leitura, mas os meus horários são incompatíveis. Recomendaram-me este livro — se ela soubesse quem fora… —, e estou a gostar.

— Só a gostar?

Preferi ser honesto. Ler não era propriamente a minha praia. No liceu tinha gostado mais ou menos de Júlio Dinis, tinha odiado *Os Lusíadas*. Não podia apostar grande opinião, porque rapidamente seria desmascarado.

— É um livro magnífico. Adorei até metade, mas começo a ficar cansado e baralhado com a repetição dos nomes.

Felizmente, ela foi condescendente:

— Sim. É compreensível. Todos aqueles José Arcádios, Aurelianos e etc., sim, baralham um bocado. Concordo que é excessivo, mas o excesso é parte fundamental da história. Temos de desculpar o génio, temos de lhe desculpar os caprichos, temos de aceitar que, se calhar, a culpa é nossa, que não apanhamos todas as razões que o movem…

Eu concordei, claro. E ela quis então saber a meu respeito, mais precisamente o meu trabalho como *chef*. E falei-lhe dos meus horários destrambelhados, e de como tinha sido difícil ser casado, omitindo naturalmente a infidelidade decisiva.

— Torrada!

Levantei-me e fui buscar, ao mesmo tempo que pedia outra bica.

— Tanto café não lhe tira o sono?

Eu podia ter respondido que era ela quem me andava a reduzir o tempo de sono, mas obviamente não o fiz. Ela concluiu:

— A mim tira. E, se quer que lhe diga, às vezes pergunto-me se devia deixar de tomar chá.

Pensei que a conversa passasse para o lado dela, e que me falasse de si, mas concentrou-se na sua torrada. Eu podia ter feito perguntas, mas nada perguntei.

— Da próxima vez que nos encontrarmos — disse ela então —, levo-lhe um livro para substituir o final dos *Cem Anos*….

— Quer que eu abandone o seu livro preferido?

— Não vale a pena sofrer. Mais vale ficar com a boa sensação que a primeira metade lhe deixou, não acha?

— OK. Depois de amanhã, pelas cinco da tarde?

Assim seria. Da vez seguinte, ela insistiu que nos sentássemos dentro da pastelaria. Parecia nervosa.

— Vai uma torrada a meias?

Eu não costumo lanchar. Na cozinha estou sempre a provar e a petiscar. São doses ínfimas, mas que se somam. Só não quis ser desmancha-prazeres.

— Pode ser.

Foi aí que me passou o *Expiação*, de Ian McEwan.

— Ah, sempre está a pensar educar-me…

Ela riu-se.

— É um livro extraordinário! — disse. — Tinha outro livro em mente, mas, como me diz que lê pouco, não quis abusar. Foi feito um filme desse livro, não sei se viu. Com a Keira Knightley…

— Vi. Tem aquela cena em Dunquerque. Sabe, a minha ex e eu íamos muito ao cinema. Mas, enquanto ela gostava mais de dramas e comédias românticas, eu prefiro filmes de ação ou de ficção científica.

— *Blade Runner*?

— Bingo! E *2001: Odisseia no Espaço*. São os meus preferidos. Os seus…?

— Hesito entre *Luzes da Cidade*, do Chaplin, e o *Sétimo Selo*, do Bergman.

— Não vi — lamentei.

— É natural. São filmes antigos, filmes de Cinemateca.

— Pois… Nunca lá fui.

— A verdade é que não será o sítio para quem gosta de ficção científica. Só mesmo filmes com a qualidade de *2001* é que não se desatualizam. A longevidade de Júlio Verne não deixa de me espantar, mas, em filme, não sei se resultaria…

A cultura e a inteligência dela intimidavam-me. Queria afastar-me para territórios mais familiares, e sabia que só havia um. Mas será que a interessava? Traziam à mesa a torrada que íamos partilhar: aproveitei para tentar a minha sorte:

— Para além de torradas, o que é que lhe estimula o paladar? — perguntei, fugindo a tempo da palavra «excita».

— Ah, típica deformação profissional… — disse ela, e eu vi a minha cara espelhada no divertimento dela. — Mas é um bom assunto de conversa. Adivinhe!

— Adivinhar… adivinhar não é o meu forte.

— Um bom *chef* deve ser capaz de adivinhar o que os clientes querem.

— Talvez, mas não um cliente em particular.

— Um *chef* vulgar talvez não, mas eu estou em crer que você não é um *chef* vulgar.

— Obrigado! Sinto-me lisonjeado com o piropo, mesmo imerecido. E deixa-me atrapalhado, porque se calhar afinal não passo de um *chef* vulgar.

— Vá lá, senhor, acha que eu gosto de gambuzinos grelhados?

Engelhava o narizinho encantador. Era a altura de lançar alguns dos trunfos que, talvez injustamente — concedamo-lo —, eu guardava na manga.

— OK — aceitei e olhei muito para ela, revendo os olhos amendoados, a boquinha a pedir um beijo… — Vejamos… Já sei que gosta de nadar e que está em muito boa forma. Nem pinga de gordura…

— Vamos lá, não exagere…

— Por favor, deixe-me concentrar. — Fiz cara de desagrado e, depois, de concentração, frisando os olhos, como imaginei que um médium fizesse, disse: — E não gosta de gambuzinos grelhados… muito elucidativo! Ia apostar que nem de gambuzinos, nem de febras de porco!

Era uma maneira de parecer que ia à deriva, procurando a corrente, lendo a reação dela, que parecia tentar ajudar-me. E fingi fazer uma aposta quando estava simplesmente a ser batoteiro:

— Vegetariana? Hum… — Espetei para ela o meu rosto inquisitivo, fiz uma pausa para aumentar o suspense e finalmente: — Sim! Definitivamente! Vegetariana!

Ela sorria, e pareceu-me que fazia menção de bater palmas:

— Estou impressionada! Estou… não sei bem o que estou… É que acertou mesmo! Será apenas *chef* ou estarei eu em presença de um médium?

Como responder? Que talvez, que não tinha a certeza, coisa assim:

— Senhora — e foi parvoíce, o que me saiu, teatro puro —, confesso que não sabia que tinha estes poderes… desceu-me dos céus.

— Estou nas suas mãos! — embarcava ela na encenação. — Mostre-me até onde vai o seu poder.

E eu encontrava-me ator:

— Deixe-me ver. Deixe-me consultar o éter… ou lá o que é que me possui… espere… estou a ver… *vegan*? — Espiava a cara dela e vi que tentava dissuadir-me, mas eu já sabia que ela não era… — Não! Não! Não pode ser. As vibrações são claras. É uma pessoa demasiado racional para ir a esses extremos! Não!

— Mais! — Vitória agora batia palmas. — Mais!

— Não consigo, senhora. — Fiz-me extenuado. — A consulta do éter esvazia qualquer um, quanto mais um amador como eu.

— OK, *chef*, ou devo dizer «mestre»? Acertou na *mouche*. Posso perguntar-lhe a respeito do meu futuro?

Ri-me e encolhi os ombros. A representação estava concluída. Consultei o relógio.

— Já? — lamentou.

— Posso tirar uma tarde. Mesmo uma noite. Mas preciso de planear. O restaurante…

— Ah, pois. Onde é o seu restaurante?

4

A empregada de mesa, uma gorducha simpática de cara bolachuda, veio ter comigo à cozinha com um sorriso malandro e disse:

— A senhora vegetariana quer conhecer o *chef*.

Saí da cozinha e fui ter com a dita senhora, cuja identidade não me deixava quaisquer dúvidas. Ainda a porta balançava atrás de mim, já lhe tinha topado os olhos magnéticos, atrevidos. Bebericava um vinho branco, aguardando-me.

— Olá, Vitória.

— Olá, *chef*. Presumo que não possa sentar-se.

— Não ficaria muito bem, não senhora.

— Quero dar-lhe os meus sinceros parabéns pelo prato que me serviram. É do melhor que já provei. Acho que o *chef* merece…

Pus o dedo nos lábios, não fosse ela dizer que eu merecia ter o meu próprio restaurante. Devia ser isso mesmo que ela ia dizer, porque se refreou.

— Acho que o *chef* merece os parabéns e o menu merece mais pratos vegetarianos desta qualidade.

— Muito obrigado, minha senhora — decidi-me pela cerimónia —, será certamente tida em conta a sua sugestão. Obrigado. Agora, se me permite… sou preciso na cozinha.

— Claro, claro. — E estendeu-me um papelinho dobrado.

Voltei para a cozinha, onde efetivamente não estava a ser essencial a minha presença, e segui para a casa de banho, onde desdobrei o papelinho. Continha um número de telemóvel que eu deveria usar um dia em que pudesse almoçar com ela. Pedia que não telefonasse, que funcionasse apenas por SMS.

Onde é que isto vai parar?, pensei. Nunca nos meus sonhos mais loucos, quando me decidi a procurá-la pela primeira vez no café, eu imaginaria que isto me pudesse acontecer… Serei eu assim tão irresistível? Será ela assim tão cabeça de vento? Se calhar não devia ter dito ao Rocha que não era capaz… Aquele dinheirinho dava-me jeito. Mas, por outro lado, se estivesse armado em galã, o mais certo seria estragar tudo…

Seguindo as instruções, três dias depois comparecia à porta de um restaurante indiano na Baixa. Ela teria preferido almoçar em Cascais, mas era muito longe para mim. Tínhamos combinado ao meio-dia e meia hora; ela chegou um pouco atrasada:

— Tive de certificar-me de que não era seguida.

— Seguida? — estranhei.

— Sim. Sou casada, ou melhor, mais ou menos casada, e mais para menos do que para mais.

— …

Aqui, eu devia socorrer-me de uma cara de espanto. Afinal, «oficialmente», quer dizer, à parte das informações «clandestinas» que o Rocha me fornecera, eu não sabia que ela era casada. A minha cara devia falar por mim, mas eu não sabia que cara pôr. Estava a ser testado como ator, e não tinha nem tenho treino algum. Olhava-lhe para o dedo onde a aliança primava pela ausência. Funcionou…

— OK, eu explico. Acontece que ainda, e friso *ainda*, sou casada. Mas é um caso perdido, não se preocupe. O meu marido…

— O seu marido…

— Ele pode falar com quem quiser, que eu não me importo, e eu também devia poder. Mas…

— …

— O meu marido, se pudesse, tinha-me fechada à chave. Entre nós está tudo acabado, mas ele persegue-me. Já teve um detetive a cuscar a minha vida, e não acredito que não tenha outro.

Mal sabia ela que o detetive só não era eu porque não tivera tomates para o ser…

— E como garantiu que não estava a ser seguida?

E explicou como fizera:

— Em vez de vir direta para aqui, segui como se fosse para o Parque das Nações. Há por ali umas rotundas largas e com boa visibilidade. São ótimas para identificar e despistar perseguidores. Paras na rotunda e o perseguidor, se não te quer perder, ou para também ou anda à volta. De qualquer das maneiras, está desmascarado. Então, tu escolhes o momento certo, arrancas e sais numa saída atrás dele. Perdeu-te…

Disse aquilo com ligeireza, como quem já fez aquilo várias vezes e aperfeiçoou o esquema.

— Muito inteligente. E estava a ser seguida?

— Não creio. Ou melhor, tenho a certeza de que não. — Pegou-me na mão: — Anda.

Ah, tratava-me por tu, pegava-me na mão. Entrámos no restaurante, e foi ela que escolheu por mim, como se eu não conhecesse muito bem a cozinha indiana. Foi ela quem escolheu o vinho. Eu sugeri que viesse apenas meia garrafa, pois não queria senão molhar os lábios. Beberia água. Ela aceitou.

— Agora, diga-me — tornava a tratar-me por você —, vai aumentar a oferta vegetariana no seu restaurante?

— O restaurante não é meu, e o prato vegetariano fui eu quem o sugeriu, embora devêssemos ter sido dos últimos restaurantes de Lisboa sem oferta para uma clientela que está claramente a aumentar. O meu patrão é difícil de convencer.

— Uma cabeça dura!

— Sim. Mas agora vou contar-lhe o meu sonho.

— OK.

— Ando a poupar para arranjar um estaminé só meu, para deixar de depender de um patrão. E, quando o tiver, então a oferta vegetariana poderá ser muito maior…

— Ah… E porque não um restaurante vegetariano?

— É uma ideia. Mas deixe-me então ter ao menos um prato de carne e outro de peixe para algum não-vegetariano que venha enganado. Ou em companhia…

— Parece-me justo. Até por simetria. E para quando é a realização desse seu sonho?

— Há um problema.

— Qual?

Com o polegar e o indicador, acompanhado de um sorriso de resignação, expressei falta de dinheiro.

— Ah, o costume! — disse ela. — Falta o capital. Mas se calhar…

— Se calhar…

— Tive uma ideia, mas é prematura…

— Ideia?

— Não. Esqueça…

Os nossos pratos chegavam e a conversa passou à prova do que nos propunham. Ela era claramente fã daquele restaurante e daqueles pratos, que eu achei meramente competentes, opinião que todavia reservei, para não parecer snobe. Limitei-me a comentar este ou aquele sabor no *alu gobi*, no *biryani* de vegetais, no *malabar* de gambas, que só eu provei. Dizia que, se fosse eu, talvez tivesse carregado menos no cardamomo aqui, teria acrescentado uma pitada de canela ali… Ela ouvia, mudando de expressão, ora parecendo concordar, ora discordando, ora expressando surpresa, como quem degustasse a minha opinião.

Depois do almoço, ainda passeámos um pouco. Fomos até ao Cais das Colunas e depois seguimos até meio da Ribeira das Naus, quando ela sentiu o meu nervosismo:

— Que se passa, meu amigo?

— Começam a ser horas de regressar.

— Sempre com pressa.

Fiz cara de resignação:

— Que se há de fazer? Quando voltamos a ver-nos?

— O problema é mais seu do que meu. Diga-me quando.

Não pensei duas vezes. A minha única folga normal no restaurante era no dia da semana em que este fechava:

— Segunda-feira, pode ser?

— Perfeitamente. Vamos inventar uma ementa em sua casa? E agora espero que me perdoe, porque vou ser de um atrevimento extraordinário, mas não resisto…

— Então? — perguntei intrigado.

— Não o vou deixar fazer tudo. Bem sei que é de uma presunção que raia a insolência, querer competir com o profissionalismo de um verdadeiro *chef*, ainda por cima um *chef* com artes de médium, mas quero arriscar e mostrar-lhe o meu talento de amadora.

— Ora essa, porque não? Estou já com água na boca — disse eu.

Ficou marcado. Mas a alegria inicial, infantil, que sentira, deu lugar a uma ansiedade, uma angústia, porventura igualmente infantis. Tinha quatro dias para arrumar a minha casa, a qual, não sendo exatamente um caos, também não andava longe disso.

Só na cozinha reinava a arrumação, uma arrumação e uma limpeza obsessivas. O resto da casa era como que uma reação a esse excesso. Tinha de apanhar papéis e garrafas vazias, peúgas e até cuecas, deixadas nos sítios mais incríveis, tinha de reinventar uma espécie de ordem para a mobília, varrer, aspirar, limpar o pó.

Mas nem sequer era tudo isso o que mais me preocupava. O problema era que eu queria dar ao conjunto um ar minimamente intelectual. E não falo de CDs, onde não havia um único Beethoven, somente *blues*, Rui Veloso, e algum *jazz* mais antigo. Precisava também de livros, uma enciclopédia, talvez, um dicionário, livros de arte, sei lá. Romances seria mais difícil, porque teria de admitir que nunca os tinha lido…

É claro que o principal assunto seria a culinária, mas aquela era uma mulher com muitas dimensões, e eu não me sentia à altura.